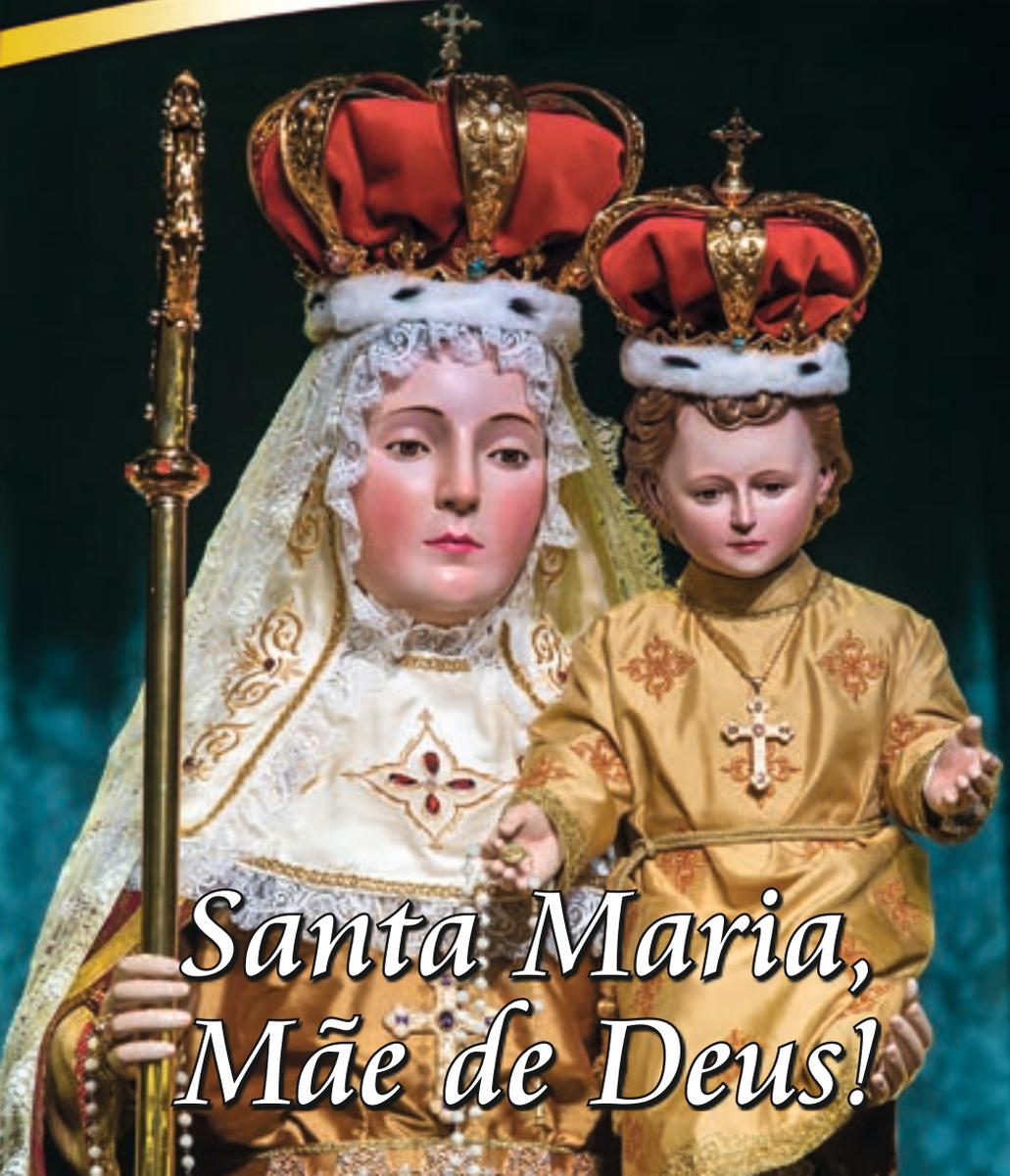




Maria Rainha dos Corações

Boletim Informativo nº 104 - Janeiro/Fevereiro de 2020



*Santa Maria,
Mãe de Deus!*

ARAUTOS VÉRITAS

*Toda a verdade sobre
os Arautos*



*Acompanhe
neste novo canal,
ARAUTOS VÉRITAS,
todas as notícias
e atualizações
sobre os Arautos
do Evangelho.*

veritas.arautos.org



ARAUTOS DO EVANGELHO

Associação Privada
Internacional de Fiéis
de Direito Pontifício

Boletim informativo bimestral do
Apostolado do Oratório
Maria, Rainha dos Corações
nº 104, Janeiro/Fevereiro 2020

Assistente espiritual
Pe. Antônio Guerra, EP

Endereço para contato:

Rua Maria Amália Lopes de
Azevedo, 460 - Vila Albertina
CEP 02350-000 – São Paulo - SP
Tel./Fax (11) 2973-9477



(11) 98872-1366
(somente mensagens)

atendimento.oratorio@arautos.org.br
oratorio.secretaria@arautos.com.br

<http://oratorio.blog.arautos.org>
www.arautos.org

Serviço de atendimento ao participante:

(11) 2973-9477
(Nos dias úteis
das 8h30min às 16h)

Boletim de circulação interna
VENDA PROIBIDA

Editorial

Escolhida entre todas

A Igreja, sábia Mestra da vida, instituiu no primeiro dia do ano a Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus. É uma forma, sem dúvida, de o homem consagrar-Lhe tudo aquilo que almeja realizar ao longo do ano que apenas se inicia; mas é também um filial reconhecimento de que todo empenhamento – e, portanto, todo ano – deve começar e terminar com Ela, n’Ela e por Ela. Por quê?

Foi nos braços de Maria que Jesus esteve no momento de seu nascimento, e foi igualmente nos braços d’Ela que se depositou o Corpo de Cristo ao ser descido da Cruz. Assim, Deus quis que a passagem de seu Unigênito por esta terra se iniciasse e se encerrasse junto ao Coração Imaculado d’Aquele que Ele escolhera, desde toda a eternidade, para ser sua perfeita Filha, Mãe e Esposa.

Este fato histórico, entretanto, não é senão o reflexo terreno de uma realidade mística muito mais elevada. Nossa Senhora, constituída por Deus como Rainha do Universo, preside verdadeiramente ao governo que Ele exerce sobre as criaturas. N’Ela tudo começa, pois toda iniciativa parte da graça, e esta nos vem sempre por meio de Maria; n’Ela, também, tudo se encerra, pois o fim das criaturas é dar glória a Deus, e esta só se torna perfeita ao passar pelas mãos puríssimas d’Ela.

Por consequência, Maria desempenha, na vida de todo homem, o papel de “pré-cursora” e de “pós-cursora”. Cuidadosamente, Ela prepara em cada alma o caminho para a atuação de Cristo e a penetração de sua Palavra, da mesma forma que em Caná Ela tudo dispôs para o primeiro milagre do Salvador.

A inexorável luta entre o bem e o mal

Reportemos a imaginação à eternidade, quando ainda não existia o tempo, pois Deus não havia criado o universo. Ele tinha diante de Si a possibilidade de criar infinitos mundos diferentes deste em que vivemos, mas, por uma livre escolha de sua vontade, não quis fazê-lo.¹ Muitos dentre eles, aos nossos olhos de meras criaturas, poderiam ter sido melhores do que o existente, quiçá algum sem pecado e sem lutas...

Entretanto, o que Deus criou? Um universo cujas criaturas são boas e o conjunto delas é “muito bom” (Gn 1, 31). Logo no seu início, porém, todo esse bem criado passou a coexistir com o mal, a partir do

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP



momento em que a terça parte dos espíritos angélicos se uniu a Lúcifer numa revolta contra Deus (cf. Ap 12, 4). Ao brado de São Miguel, os Anjos fiéis se levantaram em oposição aos rebeldes e “factum est praelium magnum in Caelo — uma grande batalha se travou no Céu” (Ap 12, 7).

Precipitado nas trevas eternas, o demônio tentou, como forma de manifestar sua obstinada oposição a Deus, desfigurar a beleza do plano da criação. Invejando a

criatura humana, que ainda se conservava inocente e desfrutava das delícias do Paraíso e da amizade com Deus, satanás se empenhou “em enganar os homens, para que não fossem exaltados e elevados ao lugar de onde ele cairá”.² Tomando o aspecto de uma encantadora serpente, astuta e habilidosa para exacerbar as paixões humanas, entrou ele em contato com Eva e lhe propôs a desobediência a Deus. Eva cedeu e levou Adão a segui-la no mesmo caminho.

Por que a serpente entrou no Paraíso?

Ora, por que Deus deixou entrar a serpente no Paraíso e permitiu que o mal se estabelecesse na face da Terra? Entre outras razões, ressaltemos três: em primeiro lugar, a fim de nos enviar um Salvador que operasse a Redenção. Por isso, na Liturgia da Vigília Pascal se canta “ó culpa tão feliz que há merecido a graça de um tão grande Redentor!”.³

Em segundo lugar, para evitar o amolecimento e a tibieza dos justos. A existência dos maus é o melhor adestramento para os bons, que podem, na defesa do bem, praticar o heroísmo da virtude para a glória de Deus e seu próprio mérito.

Por último, porque permitindo o mal, Deus quer um bem superior que dele resulta acidentalmente.⁴ Depois do pecado, por exemplo, o inferno foi criado para os anjos que ofenderam a Deus e para os homens pecadores que, permanecendo impenitentes, após a morte também para lá iriam. Brilha assim no universo a justiça infinita do Criador, premiando os bons e castigando os maus. Sem isto Ele não manifestaria sua justiça punitiva,⁵ nem transferiria ao universo o poder de castigar o mal que é praticado.

Uma luta estabelecida por Deus

Portanto, a partir do momento em que anjos e homens desobedeceram aos preceitos divinos, uma luta se iniciou entre o bem e o mal, entre os que procuram servir a Deus e os que se revoltam contra Ele, entre os que querem satisfazer suas paixões desregradas e aqueles que anelam viver do influxo da graça. Essa luta não tem trégua, pois foi estabelecida pelo próprio Criador: “Porei inimizância entre ti e a mulher, entre tua descendência e a dela” (Gn 3, 15).

Luta tremenda, que atravessa os séculos com o enfrentamento constante de duas raças: a bendita estirpe de Jesus e Maria e a maldita linhagem de satanás.

Desde a expulsão do homem do Paraíso, vemos, então, como o filão dos maus parecia triunfar, pois o império do pecado na face da Terra, ao longo do Antigo Testamento, era quase universal.

Através dos fios que tecem a História Sagrada, torna-se patente, mesmo entre o povo eleito, a ação deletéria deste filão de maus que, como denuncia sem véus Nosso Senhor, está involucrada nos crimes cometidos desde a morte de Abel até a chegada d’Ele (cf. Lc 11, 47-51).

Ora, este aparente domínio do poder infernal teria fim com o cumprimento da promessa que Deus fizera aos nossos primeiros pais: “Ela te esmagará a cabeça” (Gn 3, 15).

(Extraído, com algumas adaptações, de “O inédito sobre os Evangelhos”, vol. V, pag. 251 a 255.)

1. Cf. ROYO MARÍN, OP, Antonio. Dios y su obra. Madrid: BAC, 1963, p.143.
2. SANTO AGOSTINHO. Enarratio in psalmum LVIII, sermo II, n.5. In: Obras. Madrid: BAC, 1965, v.XX, p.489.
3. VIGILIA PASCAL. Proclamação da Páscoa. In: MISSAL ROMANO. Trad. Portuguesa da 2a. edição típica para o Brasil realizada e publicada pela CNBB com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. 9.ed. São Paulo: Paulus, 2004, p.275
4. Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. Suma Teológica. I, q.19, a.9.
5. Cf. Idem, I-II, q.79, a.4, ad 1.



Mãe de Deus e nossa Mãe

Plínio
Corrêa de
Oliveira



Deus, estabelecendo a união hipostática com a natureza humana, dignificou toda a Criação. Ele quis que essa união se operasse no seio virginal de Maria Santíssima, Aquela que supera todas as meras criaturas.

A importância da Maternidade Divina de Nossa Senhora para a piedade católica está em que todas as graças extraordinárias pela Virgem Maria recebidas — que fizeram d’Ela uma criatura única em todo o universo e na economia da salvação — têm como títu-

lo e ponto de partida o fato de Maria ser Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Essência da devoção mariana

Deus eterno, perfeito, cria os Anjos e, abaixo deles, os homens. Mas a Encarnação, a união hipostática, é estabelecida

não com Anjos, mas com a natureza humana. Parece uma contradição, pois a dignidade superior dos Anjos pediria que a união hipostática fosse feita com o mais alto dos coros angélicos.

Ora, Deus, estabelecendo a união hipostática com a natureza humana — portanto num grau menos elevado que o angélico —, opera maravilha maior do que se fizesse essa união com um Anjo, pois dignificaria apenas as criaturas espirituais. Mas realizando-a com a natureza humana Ele dignifica os Anjos porque o homem, enquanto tendo alma e corpo, participa da dignidade espiritual dos Anjos; e enobrece ainda todo o reino material, pois o homem é também feito de matéria. Assim, todo o cosmos se dignifica muito mais com a aparente incongruência da união hipostática feita com a natureza humana, do que se ela fosse realizada com uma natureza angélica.

Estabelece-se, desse modo, uma hierarquia admirável: acima de tudo Deus, infinito, depois, a humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Após Nosso Senhor Jesus Cristo há naturalmente um abismo. Porém esse abismo é preenchido por Aquela que supera tudo quanto pode existir na mera Criação: Maria Santíssima, Mãe do Verbo encarnado.

A Santíssima Virgem é o espelho mais perfeito que de Deus possa ser uma mera criatura, revestida de todos os outros títulos que Ela possui, inclusive o da mediação universal, pelo fato de ser Ela Mãe de Deus. A Maternidade de Nossa Senhora, de algum modo, é a própria raiz, a própria essência da devoção mariana.

Mãe de Deus e Mãe dos homens

Nossa Senhora como Mãe de Deus é, a título especial, Mãe dos homens e, portan-

to, nossa Mãe. A mais preciosa graça que podemos receber, em matéria de devoção a Maria Santíssima, é a de Ela condescender em estabelecer, por laços inefáveis, com cada um de nós uma relação verdadeiramente materna. Isso se pode dar de mil maneiras diferentes. Mas geralmente Nossa Senhora revela-se verdadeiramente nossa Mãe quando nos tira de algum apuro de um modo especial, que nos fica gravado indelevelmente, ou quando Ela nos perdoa alguma falta particularmente imperdoável, por uma dessas bondades que só é dado às mães terem.

Mais um sorriso, mais um perdão

Nossa Senhora concede às vezes essas graças de um modo tal que, na vida inteira, fica a alma marcada com fogo. É fogo do Céu, não da Terra e menos ainda do Inferno: a convicção de que podemos recorrer a Ela em circunstâncias mil vezes mais indefensáveis, e sempre Ela nos perdoará de novo, porque abriu para nós uma porta de misericórdia que ninguém fechará.

É propriamente do que nós vivemos. Um crédito de misericórdia aberto por Nossa Senhora como poucas vezes terá havido. Não merecendo nós coisa alguma, Ela tem ainda para nós mais um sorriso, mais um perdão. “Porque eles eram fracos, Eu lhes abri uma porta que ninguém poderá fechar”, diz o Apocalipse (cf. Ap 3, 8).

De maneira que, propriamente, quando se fala da graça especial que recebemos, não se deveria entender como graça merecida por nós. Mas enquanto dada por Nossa Senhora e imerecida, eu não conheço verdade mais palpável, mais digna do nosso amor e de nossa gratidão.

(Extraído, com adaptações, de conferência de 1/10/1965 – Revista Dr. Plínio nº 226, janeiro de 2017, pp. 14-17)

Uma palavra de gratidão

Como é bom ter os Arautos aqui na nossa Diocese de Bragança Paulista! Isso é o que eu vejo, essa é a realidade com a qual convivo e não posso declarar nada diferente.



Dom Sérgio Aparecido Colombo
Bispo de Bragança Paulista

A cabei de celebrar a Eucaristia aqui na Basílica de Nossa Senhora do Rosário e de crismar um significativo número de irmãos e irmãs, membros das várias comunidades que compõem a Paróquia Nossa Senhora das Graças, confiada aos cuidados pastorais dos Arautos do Evangelho. Aproveito a ocasião para dar um testemunho sobre o trabalho deles e já adianto que é um testemunho positivo, marcado pela alegria e por sentimentos de gratidão.

Todos temos a mesma missão

No dia 6 de dezembro de 2019, completei dez anos de exercício do ministério episcopal na Diocese de Bragança Paulista, onde os Arautos do Evangelho têm grande número de casas. E quero dizer que, desde que aqui cheguei, a nossa

relação sempre foi – para usar a expressão do Papa Francisco – de proximidade.

Eles receberam o Bispo de um modo fantástico, sempre muito respeitoso, e eu também os acolho com alegria e respeito, porque, afinal de contas, todos temos a mesma missão: devemos ser arautos do Evangelho!

Zelo apostólico e missionário

Na paróquia que esta diocese confiou a eles, todos são atendidos. As crianças não ficam sem a Primeira Comunhão, nem os jovens sem a Crisma. Não falta aos casais o apoio espiritual que lhes é próprio, sobretudo quanto à preparação para o casamento. Os doentes não deixam de ser atendidos. Nenhuma das mais de dez comunidades fica sem Eucaristia nos dias de preceito: as Missas

começam no sábado à tarde e vão pelo domingo todo.

Sinto muita alegria por ter padres assim na nossa diocese. Aqui nessa mata tão cerrada, tão bonita, há várias comunidades... verdadeiras comunidades eclesiais missionárias. Sou testemunha disso, pois estive em várias delas. Sem falar do cuidado com cada um dos templos e capelas, por ser ali que a Igreja viva se reúne e entrega para o Senhor o que tem de melhor.

Minha experiência com a presença dos Arautos em Bragança Paulista é, em suma, muito positiva e muito bela. Eles são solícitos não só para com o Bispo e a paróquia que lhes foi confiada, mas também para com a diocese no seu conjunto.

Nunca faltou o auxílio deles às paróquias mais necessitadas. E quantos sacerdotes procuram os Arautos em busca

de ajuda num momento de doença, ou quando precisam se ausentar por alguns dias! Tudo isso é muito bonito.

A vitória pertence ao bem

Então, o que eu posso dizer? Aquilo que já afirmei: como é bom ter os Arautos aqui na nossa Diocese de Bragança Paulista! Isso é o que eu vejo, essa é a realidade com a qual convivo e não posso declarar nada diferente.

Penso, pelo contrário, que é bom tornar conhecido este testemunho, porque o bem prevalece sempre. Se houver dificuldades e desafios, é no diálogo, na comunhão, na partilha e na correção fraterna que, com a graça de Deus, eles vão sendo resolvidos. O Evangelho tem de falar sempre mais alto e, por isso mesmo, a minha palavra deve ser de gratidão, alegria, amizade e apoio.

Que Deus os abençoe sempre!

Veja também no site veritas.araautos.org:



Dom Dimas Lara Barbosa elogia a participação dos Arautos em Campo Grande

<https://veritas.araautos.org/427-dom-dimas-lara-barbosa-elogia-a-participacao-dos-araautos-em-campo-grande/>



Dom Benedito Beni dos Santos, Bispo emérito e Administrador Diocesano da Diocese de Lorena, SP:

“Monsenhor João e os Arautos são um dom de Deus para a Igreja”

<https://veritas.araautos.org/517-dom-beni-monsenhor-joao-e-os-araautos-sao-um-dom-de-deus-para-a-igreja/>





Arautos na AMAZÔNIA

O Padre Aumir Scomparin, EP, coordenador do Fundo Misericórdia dos Arautos do Evangelho, acompanhado de um Arauto missionário, esteve em visita ao Estado de Rondônia, na Região Amazônica onde, na cidade de Ouro Preto do Oeste, entregou à Comunidade Nossa Senhora de Fátima uma bela imagem de Nossa Senhora, doada pelos Arautos para a nova capela da comunidade (foto 1). Em Jaru fez a entrega de um veículo doado pelo Fundo Misericórdia ao Instituto de Apoio à Mulher Rural – IAMUR (foto 2), e proferiu uma palestra na Escola Família Agrícola (foto 3). Em ambas as cidades presidiu o lançamento de novos Grupos de Oratório (fotos 4, 5 e 6).



Retiro Espiritual em Salesópolis (SP)



Por iniciativa do Grupo do Apostolado do Oratório local, sob a coordenação do seminarista Dênis de Jesus das Neves, realizou-se no último dia 17 de novembro, na cidade de Salesópolis (SP), o Primeiro Retiro do Apostolado do Oratório, com a presença da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima. As exposições doutrinárias ficaram a cargo dos Arautos do Evangelho e um sacerdote Arauto esteve à disposição para o atendimento de confissões. No final houve Exposição e Bênção do Santíssimo.

O testemunho da senhora Claudete Silva atesta as graças recebidas por todos nessa ocasião:

“Eu, Claudete, sempre fui devota de NOSSA SENHORA, mais foi com os Arautos do Evangelho que aprendi a amar, honrar e glorificar a NOSSA SENHORA!

Todos os momentos do retiro foram especiais, mas a Palestra: ‘Princípio e fundamentos – Para que o homem foi criado’ me fez refletir sobre a importância em estar preparado para o momento do juízo, em pensar na vida eterna, em querer minha salvação e da minha família. No momento da ADORAÇÃO foi grande acontecimento eu pequena e pecadora, ajoelhada diante de JESUS EUCARÍSTICO amando-o e adorando-o como meu SENHOR e meu DEUS pelas MÃOS DE MARIA SANTÍSSIMA. A todos o meu muito obrigado pelo domingo abençoado que tivemos, na companhia de pessoas tão especiais. Que DEUS os abençoe sempre.”

O evento encerrou-se com uma solene Celebração Eucarística na Igreja Matriz, presidida pelo Padre Hélio Vicente, dos Arautos do Evangelho.

SANTA JOANA D'ARC

*“Não há
nada de
novo
debaixo
do sol”*



**Marco
Antonio
Rosseto**

Perseguição, injustiça e parcialidade: palavras com as quais infelizmente nos deparamos, não só em nossos dias, mas também nos dois mil anos de história da Igreja.

Grande exemplo disto é a vida de Santa Joana d’Arc, a santa aureolada gloriosamente de inúmeras perseguições e



calúnias. Impelida pelas vozes sobrenaturais, ela triunfou em campo de batalha como general experimentado. Todavia, as glórias da heroína-virgem suscitavam inveja e cólera, tanto nos comandantes de seu exército, quanto nos eclesiásticos...

Em pouco tempo, a confabulação já havia tramado a ruína de Joana, e assim,

traída, foi feita prisioneira. Dá-se início à via dolorosa de Santa Joana d'Arc. Calúnias e mentiras logo passaram a circular.

Acusada até mesmo de feiticeira e herege, reuniu-se, sob este pretexto um novo sínédrio, odioso e invejoso, para julgar a vítima e executar a sentença já premeditada. Entre os dias 9 de janeiro e 3 de março de 1431, a *Pucelle* sofreu seis interrogatórios públicos; contudo, com estas acusações se mostrava ainda mais a inocência da vítima e a falsidade das acusações. O iníquo bispo de Beauvais, Pierre Cauchon, decidiu que as audiências fossem privadas e, do dia 10 a 17 de março, a virgem-guerreira passou por nove interrogatórios na cela onde estava. Oito dias depois, este novo Caifás e mais quatro doutores leram à santa uma ata com 70 artigos recriminatórios.

Como se não bastassem as calúnias e injustiças, seus juízes solicitaram que ela expressasse sua submissão à Igreja, ao que ela consentiu de boa vontade. Diante de tanta docilidade, o escrivão, Manchon, perguntou ao Bispo de Beauvais se deveria anotar o consentimento na ata; a resposta foi negativa, o que mostra quanta parcialidade havia neste processo...

Em suma, **após dois processos nos quais nada se encontrou** que contradissem a sã doutrina, perpetrou-se uma condenação. O que dizer, a não ser que se tratava de **uma perseguição e uma afronta à vontade de Deus?** Por que tanta parcialidade?

São perguntas que ficam sem resposta, mas este é o método que o mal sempre utilizou para destruir a verdade: *“não há nada de novo debaixo do sol”* (Ecl 1, 9).



Feliz 2020!
Juntos na mesma caminhada



Pe. Antônio
Guerra, EP

*Sob o patrocínio da Santa Mãe
de Deus um novo ano se inicia, pa-
ra nos indicar que tudo nos vem de
Deus por intermédio d'Ela.*



Agradecemos, assim, à Santíssima Virgem, todas as graças concedidas ao longo do ano que findou e nos confiemos ao seu poderoso auxílio nas lutas que certamente virão, pois, como diz Jó “é uma batalha a vida do homem sobre a terra”, tendo em vista, entretanto, que, “de mil soldados não teme a espada, quem pugna à sombra da Imaculada”.

Nesse sentido, nada melhor do que recordar aqui as palavras do Papa João XXIII em sua Mensagem de Natal de 1959, mais atuais do que nunca:

“No mundo de hoje, quantas vias de paz se propõem e se impõem! Quantas se sugerem também a nós, que, como Maria e José, gozamos da segurança de conhecer nosso caminho e não tememos que possamos nos equivocar.

Desde o fim da segunda guerra, com efeito, até os nossos dias, que variedade de expressões e quantos abusos dessa santa palavra! *Pax, pax*: paz, paz (Jr 6, 13).

Rendemos nossa homenagem de respeito à boa vontade de tantos buscadores e anunciadores de paz no mundo: estadistas, hábeis diplomatas, bons escritores.

Mas os esforços humanos em matéria de pacificação universal estão muito longe ainda dos pontos de acordo entre o céu e a terra.

É que a paz verdadeira não pode vir senão de Deus; não tem senão um só nome: *pax Christi*, paz de Cristo; tem seu único rosto: o que Cristo lhe imprimiu, o qual – como para prevenir as humanas falsificações – sublinhou: ‘Eu vos deixo a paz; Eu vos dou minha paz’ (Jo 14, 27).

A paz, antes de tudo, é um fato interior, espiritual e tem como condição fundamental a dependência amorosa e filial da vontade de Deus. (...)

Tudo que debilita, rompe ou destrói essa conformidade e união de vontades, se opõe à paz: antes de mais nada e sobretudo a culpa, o pecado. ‘Quem resiste a Deus e permanece em paz?’ (Jó 9,4). A paz é a herança feliz dos que observam a lei divina: *‘Pax multa diligentibus legem tuam’* (Sl 118, 165).

Por sua vez, a boa vontade não é outra coisa que o sincero propósito de respeitar a lei eterna de Deus, de acatar seus mandamentos, de secundar seus desígnios: de permanecer, em uma palavra, na verdade. Esta é a glória que Deus espera do homem: *‘Pax hominibus bonae voluntatis’*, ‘Paz aos homens de boa vontade’ (Lc 2, 14)”.

Desejamos a todos os amigos e participantes do Apostolado do Oratório e suas Famílias um ano de 2020 cumulado de graças e bênçãos celestiais e repleto dessa verdadeira paz, sob o olhar materno de Maria.



*M*aria deve ser terrível para o demônio e seus asseclas como um exército em ordem de batalha, principalmente nesses últimos tempos, porque o demônio, sabendo bem que tem pouco tempo, e muito menos do que nunca, para perder as almas, redobra todos os dias seus esforços e seus combates. Ele suscitará em breve cruéis perseguições e armará terríveis ciladas aos servos fiéis e verdadeiros filhos de Maria, que lhe dão mais trabalho para vencer do que os outros.

São Luís Maria Grignon de Montfort
Tratado da Verdadeira
Devoção à Santíssima Virgem